

## O JORNAL DAS FAMÍLIAS (1863-1878) E AS LEITORAS DO SÉCULO XIX

*Alexandra Santos Pinheiro<sup>1</sup>*

### Resumo

O presente texto tem o objetivo de observar como a literatura do *Jornal das famílias*, periódico que circulou durante 15 anos no Brasil, França e Portugal, veiculou normas de boa conduta para suas leitoras. Editado por homem, Garnier, e com a maior parte de seus colaboradores composta por escritores homens, dentre eles Machado de Assis, o jornal se auto consagrou defensor da “moral e dos bons costumes”, oferecendo às leitoras seções úteis ao cumprimento de seus papéis: Economia Doméstica, moda, poesia e narrativas com personagens femininas premiadas por seguirem as normas e punidas por transgredi-las.

**Palavras-Chave:** narrativas, literatura, jornal, moral.

### Introdução

O século XIX levou a divisão das tarefas e a segregação sexual dos espaços ao seu ponto mais alto (...). A lista dos “trabalhos de mulheres” é codificada e limitada. A iconografia, a pintura reproduzem à sociedade essa imagem reconfortante da mulher sentada, à sua janela ou sob a lâmpada, eterna Penélope, costurando interminavelmente (Perrot, 1992, p. 187).

O presente texto tem o objetivo de observar como o *Jornal das famílias*, periódico que circulou durante 15 anos no Brasil, França e Portugal, veiculou normas de boa conduta para suas leitoras<sup>2</sup>. Editado por homem, o francês Garnier, e com a maior parte de seus colaboradores composta por escritores homens, dentre eles Machado de Assis, o jornal se auto consagrou defensor da “moral e dos bons costumes”, oferecendo às leitoras seções úteis ao cumprimento de seus papéis: Economia Doméstica, moda, poesia e narrativas com personagens femininas premiadas por seguirem as normas de boa conduta e punidas por transgredi-las.

O público alvo do jornal, as mulheres, é confirmado por meio das cartas aos seus assinantes ou, para respeitar a concordância, às suas assinantes. Na carta de 1869, por exemplo, a redação do *Jornal das Famílias* endereça suas palavras “As nossas leitoras” para explicar o progresso do empreendimento no decorrer dos seis anos de circulação. Assim a redação dirige-se às leitoras:

Minhas senhoras. – O *Jornal das Famílias* tem a subida honra de se dirigir a V.V. EEx. desejando-lhes felicíssimas entradas de ano<sup>3</sup>, e

renova-lhes os seus agradecimentos pela extrema benevolência com que o tem favorecido.

Por esta ocasião permitem VV. EEx. que lhes digamos duas palavras sobre o modo por que temos desempenhado as nossas promessas e as esperanças que nutrimos de aperfeiçoar o nosso programa (*J.F.*, 1869, p. 2).

O jornal aproveita a oportunidade para fazer uma síntese das seções:

Graciosos romances têm sido publicados em nossas colunas nos seis anos de existência que já contamos, e parece-nos que nem uma só vez a delicada susceptibilidade de VV. EEx. tem sido ofendida. Anedotas espirituosas e morais tem por certo causado a VV. EEx. o prazer que as pessoas de finíssima educação experimentam nesse gênero de amena literatura, e mais de uma vez conseguiram dissipar as névoas da melancolia que se haviam acumulado nas belas frentes das nossas leitoras.

A economia doméstica, confiada a uma senhora, reúne a utilidade ao prazer, e cremos não enganarmo-nos supondo que mais de uma receita foi aproveitada com suma vantagem pelas mães de família que nos honram com a sua assídua leitura.

Empenhamos todos os esforços para que os figurinos e os moldes, acompanhados de suas respectivas explicações, estivessem a par do que de melhor se publica em Paris, onde temos um agente especialmente incumbido deste importantíssimo objeto (*J.F.*, 1869, p. 2-3).

É por meio dessa exposição que inferimos o perfil da leitora com a qual o jornal pretendeu dialogar. A leitora, na visão da redação, necessitava da leitura de romances; contudo, a sua “finíssima educação” “exigia” que fossem narrativas moralizantes. Por sinal, a mesma moral que era esperada na escolha das anedotas. Segundo a redação, a seção Economia Doméstica “foi aproveitada com suma vantagem pelas mães de família que nos honram com a sua assídua leitura”. Em outras palavras, o periódico destinava-se às mulheres que tinham acesso a uma educação formal (alfabetizadas) e moral e com uma situação econômica (dos pais ou maridos) que permitia a elas a assinatura de um jornal<sup>4</sup>.

A prof<sup>a</sup>. Silvia Azevedo lembra que periódicos como o *Jornal das Famílias* são representantes de uma instituição conservadora do século XIX, a família, cujo modelo patriarcal deu lugar a uma concepção familiar que Gilberto Freire diz ser orientada pela “reeurocepção” da sociedade

brasileira (Azevedo, 1992, p. 30). Contudo, o próprio historiador destaca que a mulher brasileira foi a menos volúvel no processo da “europeização”. Nas palavras de Freire:

Baseados no estudo de anúncios dessa época de transição, no Brasil, de familismo para estatismo, de religiosismo para secularismo, ousamos afirmar que a mulher – geralmente considerada mais volúvel que o homem – resistiu, no nosso País, mais do que o homem culto, a forças ou influências novas no sentido de europeização ou ocidentalização do seu adorno pessoal e do seu traje (Freire, 2000, 495).

Por outro lado, essa mulher que resistiu às vestimentas estrangeiras é a mesma que supervaloriza as narrativas importadas. Gramsci, no livro *Literatura e Vida Nacional* (1968), destaca o processo de escolha de um jornal na casa do “homem do povo”. Embora trate de jornais italianos, a realidade descrita pelo autor pode ser comparada à situação brasileira no século XIX<sup>5</sup>. De acordo com Gramsci, quando o “homem do povo” compra um jornal, a escolha deve atender a todos os membros da família. Mas, no final, é a escolha da mulher que terá mais importância; conseqüentemente, ganha o periódico que tiver o “belo romance interessante” (Cf. Gramsci, 1968, p. 104).

No século XIX, a mulher, tendo em vista o grande número de jornais destinados a ela, também tinha esse poder de voto. Assim, consciente dessa realidade, o editor do *Jornal das Famílias* procurou mostrar em suas cartas o quanto o jornal era útil para suas leitoras. Caso o marido e/ou o pai folheassem, por curiosidade, o periódico, teriam a certeza de que este respeitava e reforçava a regra de boa conduta feminina esperada na época. Apesar de extenso, vale a pena citar um parágrafo da introdução do livro *Sexo e Temperamento*, de Margaret Mead, no qual encontramos a visão da autora sobre essa preocupação masculina com a conduta feminina:

Estudos como *The Lady*, de Mrs. Putnam, retratam a mulher como uma figura de barro infinitamente maleável, sobre a qual a humanidade dispôs trajes característicos de uma época, constantemente variáveis, de acordo com os quais murchava ou se tornava dominante, flertava ou fugia. Entretanto, todas as discussões acentuaram, não as personalidades sociais relativas atribuídas aos dois sexos, mas, antes, os padrões de comportamento superficiais consignados às mulheres, porém, apenas para as da classe alta (...) Não tocou nos papéis atribuídos aos homens, que, segundo se supunha,

prosseguiam ao longo de um caminho masculino especial, moldando as mulheres às suas manias e caprichos (MEAD, 2003, p. 23).

No livro *A juventude de Machado de Assis* (1971), Jean-Michel Massa<sup>6</sup> define o “espírito” do periódico, que vai ao encontro do que Gramsci diz ser o interesse feminino e da citação que fizemos da obra de Margaret Mead:

A revista trazia em cada mês um ou dois contos, cujo prosseguimento ou fim eram publicados no mês ou nos meses seguintes. Frequentemente, a edição era completada por algumas poesias de caráter sentimental ou de inspiração religiosa. Páginas de modas, ilustradas a cores, enriqueciam cada número (...). O *Jornal das Famílias*, submetido à constante vigilância dos maridos ou dos pais, que fiscalizavam as leituras de suas esposas e de suas filhas<sup>7</sup>, devia além disso agradar às leitoras e alimentar as suas fantasias (Massa, 1971, p. 541).

Uma outra questão que nos colocamos refere-se à moral. O que era considerada uma conduta moral para a época? Quem determinava as regras da boa conduta? São várias as correntes que trataram desse tema. Com base no Cristianismo, por exemplo, encontramos uma lista de “virtudes morais”, que pregava a sobriedade, a prodigalidade, o trabalho, a castidade, a mansidão, a generosidade e a modéstia (CHAUI, 1995, P. 352). Transferindo essa lista para o *Jornal das Famílias*, percebemos claramente em suas narrativas a divulgação dessas virtudes, contudo, duas delas, a castidade e a mansidão, se destinam a apenas um público, a mulher. É ela que é punida por ser entregar antes do casamento, por trair o marido ou por não se conformar com sua condição subalterna. Mais adiante, ao tratarmos das narrativas, discutiremos, com exemplos, essa questão.

Outra seção destinada à educação das assinantes é a de “moda”, com figurinos parisienses. A moda no Jornal é recomendada às moças que desejam se casar, como sugere a narrativa “Um jornal casamenteiro”, assinado por C.F. (*J.F.*, 1877, p. 279-282). De acordo com a história, o protagonista Paulo, homem “refletido, frio e melancólico”, era considerado um tipo difícil de ser conquistado para o casamento. Porém, após avistar, na porta da matriz, uma moça “de seus 15 e 16 anos que arregaçava graciosamente a saia e a túnica de um vestido vaporoso”, o rapaz deixa de ser indiferente ao amor e casa-se depois de 2 meses com a mocinha dos “vestidos vaporosos”.

Com o objetivo de explicar como o jornal de Garnier influenciou na escolha de Paulo, o narrador introduz no texto o diálogo de duas moças

que comentam o casamento. Uma delas diz que não foi pela beleza física que Paulo escolheu a noiva, mas pelo vestido. E explica:

-(...). O Paulo viu a Luizinha, na festa e no Te-Deum, com aqueles dois vestidos novos que ela mandou fazer pelos figurinos do *Jornal das Famílias*... não te lembrás? (...)

-Então foi o *Jornal das Famílias* quem fez o casamento.

-Está claro. E a prova é que Paulo encontrava-se constantemente com a Luizinha, e só se lembrou de gostar dela no dia da festa.

-Se o Garnier soubesse...

-Não deves dizer o Garnier, mas se todas as moças soubessem... assinavam o jornal casamenteiro!

-Mas como podem saber? (...) (*J. F.*, 1877, p. 281-282).

O narrador avisa às moças que irá providenciar o artigo, que é concluído da seguinte maneira: “E a mocinha bonita que quiser casar depressa deixe S. Gonçalo de Amarante, e agarre-se com os figurinos do jornal casamenteiro, o *Jornal das Famílias*, do Sr. Garnier” (1877, p. 282).

A partir dessa narrativa, podemos extrair pelo menos duas características que se tinha sobre a mulher da época. Apesar de as mulheres da elite terem acesso à educação, o autor dessa narrativa, Machado de Assis, cria um narrador que considera que as leitoras aprendiam o suficiente para as lidas domésticas e para copiar figurinos, não lhe sendo permitido tornarem-se intelectuais. Prova disso é que, como indica o artigo, o folhetinista ouve a conversa e diz às moças que se encarregará de divulgar a história, sem ao menos sugerir que as próprias mulheres escrevam uma carta ao jornal.

A segunda refere-se à idade tida como ideal para o casamento. A escolhida de Paulo tinha entre 15 e 16 anos, detalhe que demonstra que esta é a idade ideal. No final, o narrador ainda reforça: “a mocinha bonita que quiser casar depressa”. A questão configura um fato bem conhecido historicamente; no entanto, lido em um texto literário, assim como está colocado nesse artigo, percebemos o quanto para a sociedade da época, representada aqui por uma visão masculina, ele apresenta-se como um fator “natural” e correto.

Da mesma forma que percebemos nas cartas da redação a preocupação do periódico em oferecer seções que zelem pelos bons costumes e pelos interesses femininos, observamos a reserva do editor quanto à questão da literatura. Ao se dirigir às leitoras para tratar do andamento do jornal, a redação utiliza a palavra “recreio” como sinônimo de literatura, o que pode ser confirmado na leitura das cartas da redação da *Revista Popular*<sup>8</sup>. As citações<sup>9</sup> a seguir demonstram como, aos poucos, a redação do

periódico afirma o espaço dado à arte literária:

Mais do que nunca dobraremos os nossos zelos na escolha dos artigos que havemos de publicar, preferindo sempre os que mais importarem ao país, à economia doméstica, à instrução moral e recreativa, à higiene, numa palavra, ao recreio e utilidade das famílias (*J. das F.*, tomo 1, 1863, p. 2).

Como observamos, a palavra “recreio” já aparece na primeira carta. Vejamos as seguintes:

Que cumprimos a missão a que nos comprometemos, prova-o o acolhimento em extremo lisonjeiro que recebemos do público, acolhimento que, a continuar, como esperamos, nos permitirá a realização de diversos melhoramentos que temos em mente, já na parte puramente material, já na parte literária ou intelectual (*J. das F.*, tomo 2, 1864, p. 2).

Na segunda carta, os melhoramentos que a redação pretende efetuar dizem respeito também à parte literária do jornal. Nesta carta, o vocábulo “literatura” já não vem camuflado pelo vocábulo “recreio”. E na terceira mensagem dirigida aos assinantes:

Novos e ativos colaboradores asseguram-nos a publicação de interessantíssimos romances, narrativas de viagens, biografias de senhoras ilustres, episódios de história geral e particular, descrições de cidades, vilas, etc, que tiveram ambos os sexos, etc, etc. (*J. das F.*, tomo 7, 1869, p. 2).

Assim, embora a primeira carta não seja clara quanto ao espaço que a literatura teria nas páginas do periódico, as demais, bem como o número de narrativas e poemas publicados todos os meses, asseguram sua presença. Mas por que a redação teria a preocupação em não dizer claramente sobre a existência de textos literários em seu jornal? A resposta aponta para a história do romance. Tanto para os que aprovavam a sua leitura quanto para os que a reprovavam, esse tipo de narrativa tinha a função de instruir seus leitores para o bem ou para o mal, como assegura Pierre-Daniel Huet:

A finalidade principal dos Romances, ou ao menos a que deveria ser, a que se devem propor todos aqueles que os compõem, é a instrução dos leitores, a quem é necessário fazer ver a virtude sempre coroada

e o vício castigado. Mas como o espírito do homem é naturalmente inimigo dos ensinamentos, e seu amor-próprio o revolta contra as instruções, é preciso enganá-lo pelos atrativos do prazer, adoçar a severidade dos preceitos pelos exemplos agradáveis, e corrigir seus defeitos condenando-os em outra pessoa. Assim, o divertimento do leitor, que o romancista hábil parece ter por objetivo nada é além de uma finalidade subordinada à principal, que é a instrução do espírito e a correção dos costumes (*apud*. ABREU, 2003, p. 306).

Desta forma, por querer cumprir com seriedade o papel de instruir suas leitoras, o jornal pretendeu, para não contrariar a eventual ala masculina (que era quem pagava pelo jornal) desfavorável à leitura de romances, enquadrar a literatura, em especial os romances, numa seção próxima às anedotas, com o puro objetivo de “respeitosamente” divertir “um pouco” suas assinantes. Tal preocupação pode supor que o jornal não deu muito espaço à publicação de narrativas, o que não é verdade, já que do primeiro ao último ano do *Jornal das Famílias*, os gêneros literários romance e novela<sup>10</sup> ocupam o primeiro lugar no índice do novo periódico. Às vezes, o número de publicação é insignificante, como no ano de 1871, que tem apenas 9, outras vezes, há um número grande demais para as 32 páginas mensais do jornal, como em 1874, com 25 narrativas.

Os colaboradores dessas narrativas<sup>11</sup>, em sua maioria folhetinescas, criaram personagens femininas<sup>12</sup> que são exemplos de boa conduta e, por isso, premiadas; personagens que morrem por não ter o amor concretizado e por personagens enquadradas no que Marlyse Meyer chama de “terceira fase do folhetim”, na qual predomina a mulher vítima, prostituta, deflorada, seduzida, abandonada, fatal, mãe solteira (Cf. Meyer, 1996, p. 206).

### **A mulher no *Jornal das Famílias*: a sua definição e a sua redenção pelo sofrimento**

Primeiramente, como eram definidas essas mulheres? Como eram vistas pelos intelectuais que escreviam para o jornal? Nos textos de Machado de Assis e Nuno Álvares encontram-se duas posições paradoxais que talvez denotem uma possível transição pela qual passava o conceito de mulher.

No artigo “A mulher”, de Nuno Álvares, ela se configura como um ser frágil, passivo e conformado com sua condição, já que, para o articulista, “ela não só é o ente mais puro e o mais nobre criado por Deus, como o mais delicado e sensível” (t. 1, 1863, p. 269). Ao definir o que considera por mulher, nega, conseqüentemente, esse título àquelas que “se esque-

cem da nobre missão que lhes confiou o senhor". Ao contrário, a louvação é destinada às "cândidas e castas".

Após elencar todas as "virtudes da alma feminina", o autor encerra sua louvação declarando seus sentimentos por ela. Gostaríamos de destacar um ponto dessa citação, o contentamento do poeta pelas virtudes das mulheres e das mães que sabem compreender o "dever" da maternidade. Destacamos :

Oh! Mulheres, maldigam vos outros, que não eu. Meus lábios nunca vos amaldiçoarão um momento: antes tenho sempre um sentimento de piedade pelas vossas faltas, um sorriso de contentamento pelas vossas virtudes, e uma oração que tímida se eleva ao céu por vós, ó mães que sabeis compreender os santos deveres da maternidade (t. 1, 1863, p. 270).

Observamos, por meio desse discurso, que as mulheres não eram sempre amadas, por isso Álvares escreve que a exceção de outros ele não irá maldizer as mulheres. Em sua admiração, não pune as mulheres que cometem faltas, mas antes tem um sentimento de piedade. O sorriso e a oração vão para as mulheres virtuosas e para as mães, que não compreendem o prazer ou o amor da maternidade, mas sim, o dever.

Machado de Assis, ao contar a história de duas amigas, Júlia e Tereza, que se apaixonam pelo mesmo rapaz, em *O que são as moças* (t. 4, 1866, p. 136), parece aceitar o papel de não apenas louvar as mulheres. Nesse conto, embora deixe explícitas as "funções" da mulher - eram delicadas, bordavam, freqüentavam bailes e caprichavam no visual "quando se tratava de ver um homem pela primeira vez, ou mesmo pela segunda, ou mesmo pela centésima vez"-, além de destacar a esperteza, prova o quanto essas moças sabiam conduzir suas vidas.

Em nome da amizade, as duas renunciavam ao amado em comum. Todavia, essa renúncia, como revela o irmão de uma delas, só ocorre quando as duas têm em vista um outro pretendente. Eis o final do conto:

Com a singularidade de que a carta de desistência do coração do primeiro foi escrita depois do primeiro olhar amoroso do segundo. As duas moças coraram e esconderam o rosto. Tinham razão de ficar vexadas.

Caía assim o véu que encobria o sacrifício no interesse pessoal; ou por outra: largavam um pássaro tendo outro na mão (t. 4, 1866, p. 167).

Desta maneira, nessa narrativa, a mulher, apesar de dotada de toda

a delicadeza e a fragilidade mencionadas por Nuno Álvares, ganha uma nova caracterização, a de ser esperta. Em outras palavras, já se apresenta como um ser que sabe que os espaços precisam ser conquistados e, mesmo se restringindo ao aspecto amoroso, sabe brigar por ele.

O paradoxo na definição da mulher corresponde às próprias dúvidas criadas no século XIX em torno da função da mesma, o que é muito bem trabalhado por Michelle Perrot:

No século XIX, a mulher está no centro de um discurso excessivo, repetitivo, obsessivo, largamente fantasmagórico, que toma de empréstimo as dimensões dos elementos da natureza.

Ora a mulher é fogo, devastadora das rotinas familiares e da ordem burguesa (...), a mulher das febres e das paixões românticas (...). A ruiva heroína dos romances de *folhetim*, essa mulher cujo calor do sangue ilumina pele e cabelos, e através da qual chega a desgraça(...).

Outra imagem, contrária: a mulher-água, fonte de frescor para o guerreiro, de inspiração para o poeta (...); mulher doce, passiva, amorosa, quieta(...).

Mulher-terra, (...) que se deixa moldar e fustigar, penetrar e semear, onde se fixam e enraizam os grandes caçadores nômades e predadores (Perrot, 1988, p. 188).

Em contrapartida, a mulher da maior parte das narrativas do *Jornal das Famílias* é, usando a classificação de Perrot, “mulher-água” e “mulher-terra” que, geralmente, parecem estar associadas ao sofrimento. Salvo poucas exceções, a mulher não apenas é protagonista como também dá título às narrativas. É o sentimento *feminino*, ainda que exprimido em grande parte pelos homens, representado pelas histórias de *Lúcia*, *Diana*, *Ida*, *Dolores*, *Adelaide de Sargans*, ou, sem dar um nome específico, pelas histórias *A Sinhazinha*, *A filha do tropeiro*, *A órfã da Várzea*, *Casada e viúva*.

Às vezes, o autor dá voz à protagonista, permitindo-lhe narrar sua história, indicar suas leituras e expressar seus sentimentos:

As minhas cartas irão de oito em oito dias, de maneira que a narrativa pode fazer-te o efeito de um folhetim de periódico semanal (...). Até então eu não tinha visto o amor senão nos livros. Aquele homem parecia-me realizar o amor que eu sonhara e vira descrita (*Confissões de uma viúva moça*, por Job. T. 3, 1865, p. 98 e 136, respectivamente).

Outras vezes, o que é mais comum, um narrador onipresente relata os fatos, a exemplo de *Ida*, narrativa de Viriato B. Duarte. “No ano de 183... no Pacajá...”, assim o narrador inicia a história de Ida e de sua mãe Loia, índias que moravam em uma modesta casa. Mais próximo do estilo das narrativas encontradas na *Revista Popular*, seu enredo é marcado por inúmeras peripécias com final trágico: para não ver a filha obrigada a se casar com um homem que não era de seu agrado e que já havia matado seu escolhido, a mãe de Ida mata-a (Cf. *Ida*, por Viriato B. Duarte. J. F., t. 3, de junho-agosto, 1865).

A protagonista também morre no romance histórico do Dr. C. Figueiras, *Adelaide de Sargans*. Ambientado na Rússia, no ano de 1308, o enredo é marcado por um número excessivo de peripécias; o que faz com que o narrador se perca, a ponto de pedir desculpas às leitoras, tentar rever informações contraditórias e introduzir personagens que não existiam para tentar salvar o romance (Cf. *Adelaide de Sargans*, por Dr. C. Figueiras. J. F., t. 7, de março a maio de 1869).

Vale observar que essa incorporação do sofrimento e esse ideal de amor interrompido pela morte são exemplos da tendência da 2a. geração romântica. Tanto que os principais representantes desse período literário freqüentemente aparecem citados nessas narrativas. Em *A Sinhazinha*, por exemplo, a citação de dois versos de Álvares de Azevedo, “aquele nosso tristíssimo poeta”, já anuncia que mais um enredo do *Jornal das Famílias* terá um final trágico. Emma ou Sinhazinha, da história de José Ferreira de Menezes, após ser abandonada pelo noivo, que a troca por uma mulher mais velha, e após perder o pai, morre, vítima de uma profunda tristeza (Cf. *A sinhazinha*, por José Ferreira dos Santos. J. F., Agosto de 1863).

Parece que Machado de Assis também associou o nome da mulher ao sofrimento. Em *Cinco mulheres*, uma seqüência de histórias de diferentes mulheres, há a de “Carolina”, uma moça de 20 anos, obrigada a abandonar seu escolhido para casar-se com um velho, a quem seu pai devia favores. Carolina aceita resignada a ordem de seu pai. Meses depois, apesar de considerar seu casamento um “túmulo”, escreve à amiga:

Deixo-te, minha Lúcia, mas assim é preciso. Amei Fernando, e não sei se amo ainda agora, apesar do ato cobarde que praticou<sup>13</sup>. Mas eu não quero expor-me a um crime. Se o meu casamento é um túmulo, nem por isso posso deixar de respeitá-lo. Reza por mim e pede a Deus que te faça feliz (“Carolina”. In: *Cinco mulheres*. J. F., setembro de 1865, p. 261).

A forma como o narrador conclui essa história - “foi para essas duas

corajosas e honradas que se fez a bem-aventurança” - tanto enfatiza a ligação direta da mulher à resignação, tão bem definida por Michelle Perrot na citação da capa desse capítulo (Cf. Perrot, 1992, p. 187), mostra a moralidade vinculada nas narrativas

Padre Francisco Bernardino de Sousa, colaborador dos dois empreendimentos de Garnier, foi um dos que pregava a regra da boa conduta e da moral em suas narrativas. Na *Revista Popular*, inicia sua participação a partir de seu penúltimo ano de circulação. A temática de seus artigos é variada, já que engloba ciência, biografia, botânica e narrativas. É por meio dessa última modalidade que Bernardino irá assumir, dentro do substituto desse periódico, o papel de instrutor moral das moças e das senhoras, a partir de textos que ensinam e, ao mesmo tempo, demonstram como pode ser terrível a punição a quem não aprende.

A respeito da propagação do conto moral entre os escritores, Raimundo Magalhães Junior cita nomes importantes:

O conto moral foi cultivado, eventualmente, por grandes escritores, de várias nacionalidades. *A missa do ateu*, de Honoré Balzac, pode ser enquadrado nessa categoria, como exaltação do sentimento de gratidão e de amizade (...). Exemplo típico de conto moral é o famoso *Conto de Natal (Christmas Carol)*, de Charles Dickens, sobre a miraculosa transformação do avarento Scrooge, tocado pelo sortilégio da grande noite cristã. Tolstoi escreveu, também, uma coletânea de contos morais, destinados à infância (Magalhães Jr, 1972, p. 147).

Nas narrativas do *Jornal das Famílias*, de modo geral, a característica constante é a instrução moral da mulher. Ora com personagens que sacrificam a própria vida em nome do amor, ora com personagens angustiadas pela culpa de terem vivido um amor proibido, essas narrativas dão à leitora desse jornal o modelo da boa conduta.

Alguns textos são explicitamente morais, não apenas quando trazem como título “Conto Moral”, de Machado de Assis, que, tendo a vida de um algodão como tema, ensina aos “cristãos leitores” que apenas pela paciência e pela resignação é possível enfrentar os sofrimentos da vida. Além do mais, segundo o pensamento expresso no texto, só aquele que não blasfema pode ser conduzido à vida eterna: “Sede pacientes; não vos deixeis vencer pelas tristezas passageiras desta vida. Resignai-vos: a adversidade é a seiva que faz brotar a virtude no coração humano” (t. 1, julho de 1863, p. 203).

Essa certeza de que só pelo sofrimento se atinge a graça divina, tão particular às narrativas de Padre Bernardino, parece, por algum tempo,

“ter feito a cabeça” de Machado. Outras personagens, além da trágica história do algodão, são identificadas como exemplos desse tipo de pensamento. O narrador de “História de todos os dias” descreve com objetividade as conseqüências advindas à mulher que é “iludida”, fica grávida e é abandonada. Como indica o título, trata-se de uma história comum, sem grande representatividade. Com a gravidez, a moça “suja” o nome da família, vê a mãe morrer de desgosto, agarra-se à cruz de Cristo e pede por uma punição, que não lhe é negada. Então, em poucos anos, a personagem contrai uma doença grave e morre, deixando a filha aos cuidados de um homem que ela não conhecia, mas que contará sua história (t. 2, agosto de 1864, p. 217 – 222).

Os contos e lendas do padre Bernardino, na maioria das vezes, são adaptações bíblicas que apresentam um Deus que ri da derrota do inimigo, que castiga com doenças e com a morte a quem o desobedece e que, às vezes, igualmente perdoa. O conto *A revolta dos anjos*, uma releitura da origem do “demônio”, é um exemplo do Deus vitorioso que, após lançar Lúcifer e seus anjos seguidores ao abismo, ri satisfeito de sua vitória (Cf. t. 1, setembro de 1863, p. 265).

Outras vezes são lendas que, contadas por sua mãe ou por sua avó, fazem dos santos criaturas compreensíveis e fiéis. Assim é a lenda *A senhora do Bom-Despacho*. Um pescador se manifesta contra a festa dada pela vila para receber a imagem da santa do Bom-Despacho e prefere ir cortar lenha a perder um dia de trabalho para ficar rezando. Porém, enquanto racha a lenha, surge em sua frente uma terrível cobra, e ele chama imediatamente pela santa que havia desprezado. A serpente é paralisada até a chegada dos amigos do pescador, que conseguem matá-la. Agradecido, o homem que havia blasfemado vai à capela rezar diante da imagem da santa (t. 1, junho de 1863, p. 178-181).

Padre Bernardino considera suas narrativas, que sempre são curtas e sem a presença de muitas peripécias, um alívio para o país e para a vida sofrida de seus habitantes. Nesse sentido, a moral mais usada por ele é coerente com a difundida pelos demais colaboradores, qual seja, a de que somente o martírio pode redimir o homem. Para ele, apenas quem aceita com resignação as duras provações de Deus é que pode alcançar suas bênçãos. Em suma, Bernardino é o colaborador mais empenhado em ensinar aos leitores e, principalmente, às leitoras do *Jornal das Famílias* a maneira mais eficaz de “ganhar o céu”.

### **O casamento: a chave para a concretização da felicidade**

Se o jornal era dedicado às senhoras, não poderia deixar de existir nele a temática do casamento. Contudo, os narradores e os protagonistas

desses contos são, em sua maioria, homens que nem sempre saem satisfeitos com a escolha. Às vezes, porque a escolhida, além de ter um bom dote, é meiga, discreta e ótima dona de casa, o pretendente exalta-se com sua decisão. Outras vezes, é enganado pela aparência e, além de se ver comprometido com uma esposa sem dotes, ainda precisa pagar as contas do sogro.

Se considerado o fato de que para as senhoras o casamento era inevitável e desejável, acaba sendo coerente a valorização da posição masculina, que tinha a opção de permanecer solteiro. Em contrapartida, existia ainda o favorecimento do mesmo pelo dote, que iria ampliar ou iniciar sua fortuna. Daí a constante presença de homens que, interessados na fortuna da moça, são desmascarados ou ludibriados ao acreditar em uma fortuna que não existe, o que torna a narrativa cômica e atenua o melodrama amoroso do enredo.

Como exemplos desses dois tipos de casamento, o interesseiro e o puro, escolhemos duas personagens que correspondem a esses estereótipos. O primeiro é o narrador protagonista de *Felicidade pelo casamento*, um homem convicto dos benefícios de uma vida solitária, mas que no fim da narrativa está casado e satisfeito, a ponto de declarar:

Procurei por tanto tempo a felicidade na solidão, é errado; achei-a no casamento, no ajuntamento moral de duas vontades, dois pensamentos e dois corações (...).

Hoje tenho mais um membro na família: é um filho que possui nos olhos a bondade, a viveza e a ternura dos olhos de sua mãe. Ditosa criança (t. 4, julho de 1866, p. 205).

No entanto, quando o casamento é contraído por mero interesse, muitas coisas desastrosas podem acontecer. A personagem João Paulino é um bom exemplo desse tipo de pretendente ao casamento. Ele se faz passar por um homem de posses para casar com uma moça que também ostentava uma riqueza que não existia. Depois de concretizado o casamento, o pai da noiva foge, deixando ao genro, ao invés de dote, uma considerável dívida. O que leva o narrador a concluir: "Ah! Quantos exemplos se dão análogos a este que acabo de contar! Quantas vezes, logo depois de lançada a bênção pelo sacerdote, reconhecem ambos os noivos que foram logrados em suas ambições!" (t. 5, março de 1867, p. 72).

De uma forma ou de outra, seja encarado como castigo ou como recompensa, a presença do casamento demonstra que ele ainda é de grande importância nas penas dos colaboradores. Conquanto não estejam totalmente presos a um estilo, pois oscilam entre a escola romântica, do amor idealizado, e a escola realista, do amor concretizado e, às vezes,

## Os poemas: O amor idealizado e não concretizado nos versos do *Jornal das famílias*

Assim como os romances, a poesia circula no *Jornal das Famílias* durante os quinze anos de sua existência. Seus versos exaltam o amor, que raramente é concretizado. Se algumas narrativas folhetinescas desse periódico parecem, mesmo que superficialmente, obedecer ao início da transição entre o Romantismo e o Realismo brasileiro, os seus poemas são marcadamente românticos<sup>14</sup>.

Como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu ou Gonçalves de Magalhães, que freqüentemente aparecem como epígrafes dos poemas, os colaboradores do *Jornal* dedicam-se a versos em que o “eu poético” idealiza, mas não concretiza o amor. Seja porque o ser amado morre repentinamente, seja porque é repudiado, ou ainda porque não tem coragem de se declarar, quem ama fica afastado do ser amado, reforçando a tendência da temática do “amor idealizado” dos maiores representantes do Romantismo.

Por meio de rimas intercaladas, nas dez estrofes do poema “Amo-te tanto!...”, de Juvenal Galleno, o “eu poético” declara seu amor não correspondido. O refrão: “Ai!... e entretanto / Não te lembrás que extremoso / Amo-te tanto!...”, que acompanha as nove estrofes, é mudado na última, denunciando a não correspondência da amada: “Ai!... e entretanto / Tu não vens... Escuta, virgem: / Amo-te tanto! (t. 2, maio de 1864, p. 144).

Em contrapartida, com o refrão: “Este fogo, este calor... / Ai! é amor! é amor!”, do poema “Amor Virgem”, de Zaluar, o “eu poético”, por meio de rimas intercaladas e emparelhadas, descreve a sensação de estar apaixonado. Antes do amor, a vida do amante resumia-se a “um lago transparente / (...) / Bafejado de luz e de harmonia!”. Depois do amor, o coração “palpita”, e ele “treme”, “chora” e “anseia”. Porém, apesar de toda angústia e desejo, não ousa revelar o nome da amada (Cf. t. 1, setembro de 1863, p. 279).

“O teu sorriso tão mimoso e casto” (t. 1, agosto de 1863, p. 250): assim o “eu lírico” de “O teu sorriso” inicia sua louvação, dedicando, como o próprio título denuncia, 13 estrofes ao sorriso de sua amada. Mais uma vez, nesse poema de Joaquim Silvério dos Reis Montenegro, encontra-se um amor idealizado e não correspondido: “Deixa que o pobre, esmolando um riso, / Em rudes versos te consagre amor” (t. 1, agosto de 1863, p. 251).

Entretanto, algumas vezes, o ser que ama reconhece que não é

correspondido e assume a tristeza de um amor frustrado. Para ilustrar, citamos a última estrofe do poema “Sonhos perdidos”, de Peregrinus:

De tanto sonhos colhidos  
Já nem resta uma ilusão!  
De tantas flores da festa  
Só ela – a saudade – resta  
De amores que já lá vão!  
E o mais aqui tudo é ermo  
Onde estive o coração (t. 1, fevereiro de 1863, p. 60).

Face a essa temática do amor não concretizado, há uma releitura do poema “Leito de folhas verdes”, de Gonçalves Dias. O que nos fez associar o poema de Eustaquio Pinto da Costa ao de Gonçalves Dias foram o título, “Leito de Flores”, e a epígrafe, que corresponde à quarta estrofe de “Leito de folhas verdes”:

Brilha a lua no céu, brilham estrelas,  
Correm perfumes no correr da brisa,  
A cujo influxo mágico respira-se  
Um quebranto de amor, melhor que a vida! (G. Dias, “Leito de folhas verdes”, 1997, 48-49).

O poema de Pinto Costa tem o mesmo estilo que o de Gonçalves Dias, é formado por métricas variadas, provoca a mesma variação rítmica atingida pelo poeta da natureza. Quanto ao conteúdo, em ambos os poemas o ser esperado não aparece, com a diferença de que o “eu lírico” de “Leito de flores” é um homem, enquanto que o de “Leito de folhas verdes” é uma mulher, mais especificamente uma índia, que espera por seu amado, Jatir.

Por outro lado, nem sempre o amor idealizado e desdenhado pelo ser amado conduz à morte. Pelo contrário, essa idealização também figura como uma forte aliada desse sentimento e, ao invés de matar, devolve a vida a quem já não tinha esperança. É o que ocorre em “Excelsa”, um longo poema estruturado em quatro partes, que ocupa cinco páginas do *Jornal*.

Na primeira parte do poema, o “eu poético” apresenta Excelsa, uma mulher que ele vira entrar em um baile. A sua aparição faz com que todos os homens desejem beijar seus pés, tamanha era a sua formosura. Já na segunda parte, o apaixonado se apresenta como um rapaz que, até o instante anterior em que apenas vê a bela mulher, tem “a morte na alma” e considera-se “da vida a sombra / A vagar sem rumo certo” (t.2, setembro de 1864, p. 271). Todavia, a presença da “formosa aparição” anima-o a abandonar a mortalha.

A terceira parte consiste na declaração da força que essa mulher representa em sua vida, a ponto de o ter ressuscitado da “fria prisão” da morte. Finalmente, na quarta e última parte, é descrita a situação atual do amante. Daquela noite restou-lhe apenas uma flor que caiu do vestido de Excelsa e a esperança de revê-la e ser aceito por ela:

O coração mais esquivo,  
A alma mais fria e gasta!  
Vê-la uma vez...isso basta  
Para que a eterna lembrança  
Prolongue nas trevas da alma  
Um raio de doce esperança (1.2, setembro de 1864, p. 274).

Se o sentimento for vivenciado por uma mulher, o que se espera é que o “eu lírico” seja feminino. Sendo assim, selecionamos três poemas que descrevem, pela voz feminina, fatos vivenciados por mulheres, um assinado pelo pseudônimo feminino Sophia, e os demais assinados por A. E. Zaluar.

Nem todos são profundos e melodramáticos como os poemas observados anteriormente; pelo contrário, até questionam os desejos dos pais. É o que ocorre no poema “Albertina na costura”, assinado por Sophia. Albertina questiona a ordem do pai, que a proíbe de amar seu primo Juca. De acordo com sua descrição, o primo não tem simpatia pelos estudos, fato que a leva a questionar os professores do primo:

Esses mestres! Esses mestres!  
Nos seus tempos de estudantes  
Eram assim como o primo  
E hoje? que petulantes! (t. 1, março de 1863, p. 93).

Essa menina astuta e alegre não tem os mesmos sentimentos da mulher do poema de Zaluar. Em “Queixas do mar”, a voz feminina chora por seu amado, morto no mar. Atribuindo a culpa de seu sofrimento às águas traiçoeiras, ela reclama:

Porém, ao meu transporte  
Ai! só responde a morte!...  
E tu, que a devorar  
O meu amor não cansas,

Desejos, esperanças  
Lamenta, chora, ó mar! (t. 1, maio de 1863, p. 158).

O lamento desse “eu poético” tem o mesmo motivo do da viuvinha de “Romance da viuvinha”, outro poema de Zaluar. A mulher se despede da vida, pois acredita que a dor da perda do amado a conduzirá à morte:

Adeus, risonhas colinas,  
O horizonte azul, o rio,  
Concertos, cantos divinos  
Das belas noites de estio!  
Além o mundo me chama!  
Vou deixar-te...que amargor!  
Mas contigo fica essa alma,  
E com minha alma o amor! (t. 2, abril de 1864, p. 113).

Em suma, a dor e a solidão de um amor não concretizado têm acentuada relevância para os poetas do *Jornal das Famílias*. Seja por meio de um “eu poético” masculino ou de um feminino, o amor não ultrapassa o plano da idealização, respeitando, assim, a promessa do jornal de zelar pela moral e bons costumes. O próximo tópico retoma as temáticas indígena e escravocrata, e neles também há a referência ao tema do amor idealizado. Todos esses aspectos levam à afirmação de que, se a análise do periódico fosse feita apenas a partir dos poemas que foram veiculados por ele, seria possível admitir que a redação desconsiderou totalmente o período de transição literária pelo qual estavam passando.

### **“Economia Doméstica” para a instrução da mulher**

Não poderíamos encerrar esse artigo sem antes destacar a seção “Economia Doméstica”, que, com textos não ficcionais, também empenhou-se em instruir a mulher para a melhor administração da casa. A seção tinha, basicamente, duas colaboradoras Victoria Colonna e Paulina Philadelphía e seus textos consistiam em receitas de culinária, de higiene e de conselhos para a educação dos filhos. O artigo mais interessante dessa parte do *Jornal* data de 1874 e permite-nos confirmar que o periódico se destinava às leitoras oriundas das classes que podiam pagar por sua assinatura, conforme destacamos no início desse artigo, e, ao mesmo tempo, identificar o tipo de relação que existia ou deveria existir entre senhora x escrava e patroa x empregada.

Victoria Colonna dá ao texto o título de “Conselhos”, e faz a seguinte observação: “Linhas que as criadas não devem ler”. A colunista discorre acerca da necessidade de as senhoras tratarem bem aos criados, que serão os substitutos dos escravos no Brasil. Assim, aos criados faz-se necessário o seguinte tratamento<sup>15</sup>:

Devemos evitar repreendê-los em público, falar-lhes não com carinho, mas com bondade sempre que não tiverem incorrido nalguma falta, lembrando-nos que, a despeito de tudo o que se fizer por eles, nunca se chegará a tornar sua sorte inteiramente feliz. É pois mister compensarmos por bons tratamentos e justas precauções os males inerentes à sua posição, e para podermos exigir deles um pouco menos de egoísmo e indiferença pelos nossos interesses, cumpre que lhes demos o exemplo (*J.F.*, 1874, p. 345).

A autora nos possibilita visualizar a mudança da situação político-econômica do país e a necessidade de a mulher, que antes tinha entre seus bens os escravos, aprender a se adaptar à nova economia de mão de obra assalariada. Ao mesmo tempo, mostra a naturalidade com que ainda era encarado o tratamento desumano dado ao negro.

Como mencionamos na apresentação desse texto, o nosso objetivo era mostrar como o *Jornal das Famílias* veiculou as normas de boa conduta para seus leitores, em especial, para suas leitoras. Por isso, destacamos as principais seções do jornal, pois são a partir delas que observamos o público e a classe a que ele se destinava: as mulheres que tinham dinheiro para pagar por sua assinatura. Por outro lado, as mulheres que escrevem para o periódico atendem à expectativa da redação, pois seus textos, seja narrativa, poesia ou artigos para a seção "Economia Doméstica", refletem a condição de subalterna, mansa e fiel das leitoras.

Sobre a mulher do século XIX e as leituras (e as escritas) que os homens permitiam a elas, Michelle Perrot comenta:

Calar as mulheres. Civilizá-las. Ensiná-las a ler. Mas o imaginário feminino se esquiva, recusa-se a se deixar colonizar pela via da ciência e da razão. Leitoras de romances populares, as mulheres fazem o sucesso de Eugene Sue e de todos aqueles autores baratos aos quais Alfred Nettement e Charles Nisard censuram a libertinagem e a constante indisciplina. Dar boas leituras às mulheres passa a ser tema do regime imperial (Perrot, 1988, p. 207).

Num debate de outra ordem, podemos discutir como as narrativas do *Jornal das Famílias* correspondem às leituras direcionadas a educar as mulheres para a submissão. Como são construídos os narradores? Como são definidas as personagens femininas e, estabelecendo um contraponto, os personagens masculinos? Há alguma nota no fim da narrativa que corresponda à "lição moral"? São essas indagações que pretendemos responder a partir do estudo analítico das narrativas do segundo empreendimento de Garnier<sup>16</sup>.

### Abstract

The present text has the aim of observing how the literature of "Jornal das Famílias" [The Families' Journal], a newspaper which has been published for 15 years in Brazil, France and Portugal has spread rules of good behavior to their female readers. Edited by men, Garnier and along with his male writers, the major number of contributors writers, among them Machado de Assis, the newspaper classifies itself as advocate of "moral and good behavior" offering to the female readers useful sections to the fulfilling of their roles in society: Home economics, fashion hints, poetry and narratives in which female characters are praised for having been following these imposed rules, or punished if not.

**Key-Words:** narratives, literature, newspaper, moral.

### Refêrencias Bibliográficas

- JORNAL DAS FAMÍLIAS*. Rio de Janeiro e Paris: Garnier, 1863 – 1878.
- ABREU, Márcia, *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, Associação de Leitura do Brasil (ALB): São Paulo: Fapesp, 2003 (coleção *História de Leitura*).
- AZEVEDO, Sílvia. *A trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos contos e histórias em livros*. São Paulo, 1990. (tese de doutorado - USP).
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 35.ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil - sua história*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1985.
- MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis: aprendizado*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- MASSA, Jean – Michel. *A juventude de Machado de Assis – 1839-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MEAD, Margaret. *Sexo e temperamento*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos: operários, mulheres, prisioneiros*. Trad. Stella Bresciani. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- PINHEIRO, Alexandra Santos. *Revista Popular (1859-1862) e Jornal das Famílias (1863-1878): dois empreendimentos de Garnier*. Dissertação de Mestrado, UNESP, Assis-SP, julho de 2002.
- PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo:

Contexto, 2002.

SERRA, Tânia Rebelo Costa. *Antologia do romance-folhetim (1839 a 1870)*. Brasília: Editora da U.N.B, 1997.

### Notas

1 Mestre em Letras pela Unesp-Assis, doutoranda pelo IEL-Unicamp, professora assistente da Unioeste-Francisco Beltrão e membro do grupo de pesquisa RETLEE - Representações, Espaços, Tempos e Linguagens em Experiências Educativas.

2 A exemplo de outros jornais como o Arquivo literário (1963-?), Jornal familiar, variado, crítico e recreativo; A bela fluminense (1863-??), jornal dedicado ao belo sexo e a todas as classes da sociedade; A estrela d'alva; O Semanário; além de outros periódicos, é destinado às senhoras e às mocinhas.

3 Como explica a redação: "Este artigo deveria sair impresso no Jornal das Famílias do mês de janeiro".

4 A contar pelo tempo de duração do periódico, é insignificante o número de narrativas com personagens que retratem pessoas não inseridas na sociedade dominante, como é o caso dos negros. Em quinze anos de circulação, apenas três narrativas dão vida a personagens femininas negras, sendo que nenhuma dá a sua personagem um final feliz.

5 Tania Rebelo Costa Serra informa que o leitor no Brasil do século XIX era constituído pela sinhazinha e pelo estudante (Cf. Serra, 1997, p. 23).

6 O autor também observa a colaboração de Machado no Jornal das Famílias, as críticas que o autor recebeu quando publicou "Confissões de uma viúva moça" - considerado imoral para os padrões familiares -, a importância de suas narrativas para o sucesso do jornal e a experiência de se submeter àquilo que ele criticava: "a arte por encomenda".

7 Grifo nosso

8 A Revista Popular, estudada por nós na graduação ("Indexação da Revista Popular", pesquisa financiada pela Fapesp) e no mestrado ("Revista Popular e Jornal das Famílias: dois empreendimentos de Garnier", também financiada pela Fapesp) foi o primeiro empreendimento (em termos de periódico) realizado por Garnier. Ela circula no Rio de Janeiro de 1859 a 1862, quando é substituída, no ano seguinte, pelo Jornal das Famílias.

9 Extraídas das cartas que a redação do Jornal das Famílias endereçava às assinantes.

10 Não existe no índice a diferenciação entre romance e novelas, apenas entre conto, fábula e lenda. Segundo Aguiar e Silva, a tentativa de distinguir os dois gêneros é principiada pelos ingleses, no fim do século XVII (Aguiar e Silva, 1976, p. 259). Desta forma, optamos por tratar a todas como narrativas, considerando a apreciação de Coutinho: "a distinção é sutil entre novela, conto e romance" (Coutinho, 1990, 986).

11 Machado de Assis, o mais assíduo colaborador; padre Francisco Bernardino de Sousa; José Ferreira de Menezes; Zaluar; Reinaldo Carlos Montoro, Viriato B. Duarte, Paulina Philadelphia; Maria de Albuquerque; Vitória Colonna; Xavier de Maistre; Caetano Figueiras; Camilo da Anunciação, Joaquim Manuel de Macedo; Cristóvão Frederico Jacobson; Luiz José Pereira; Bernardo Guimarães; Fernandes Pinheiro Junior; Gratulino Coelho; Emília Gomide Penido; Heitor da Silveira; Pessanha Povoá; Carlos Nodier; Léo Junius e Leocádio Pereira da Costa.

12 Embora em menor proporção, no jornal também são encontradas narrativas com personagens masculinas como protagonistas.

13 Que seria o de planejar matar seu marido.

14 Os poetas do Jornal de Garnier foram: Zaluar; Juvenal Galeno; Machado de Assis; Joaquim Silvério dos Reis Montenegro; Eustáquio Pinto da Costa; Jesuíno Ferreira; Franklin Doria; José Elsiario da S. Quintanilha; João Manuel Espinhola; José Bonifácio; Josino Emiliano da Silveira; José Jorge da Siqueira Filho; Teixeira de Macedo; Fernando T. S. Magalhães; Gratulino V. Melo Coelho; Juvêncio A. M. Paredes; Júlio César Ribeiro Sousa; José Maria Gomes de Sousa; Pereira da Cruz; Carlos de Laet; Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça; Marrocos Mendes; Andrada Machado e Silva; L. A. Burgain; Dr. Guido de Sousa Carvalho; Caetano Filgueiras; Castro Alves; Evaristos Andrade; Francisco G. da Costa Sobrinho; Luiz Leopoldo Fernandes Pinheiro Junior; Joaquim Norberto; Maria J. Magno; Ernestina E. F. Varela; Dr. J. O. Pinto Mosqueira; Bernardo Guimarães; Duarte da Silva; Maria Augusta dos Santos; Candido Teixeira. Dentre eles, os nomes que aparecem com maior frequência na autoria dos poemas amorosos: Juvenal Galleno, A. E. Zaluar, Joaquim Silvério dos Reis Montenegro, Peregrinus e Eustaquio Pinto da Costa.

15 Diferenciado do dispensado aos escravos.

16 O que pretendemos fazer na pesquisa de doutorado.

Data de recebimento: 02/04/2004

Data de aprovação: 10/05/2004